



José Luiz Foureaux de Souza Jr.



Edição revista e atualizada
Uberlândia
2019

sex^oda
PALA
VRA

S729

SOUZA Jr., José Luiz Foureaux de
Herdeiros de Sísifo - Teoria da literatura e homoerotismo /
José Luiz Foureaux de Souza Jr., - Uberlândia (MG): O sexo da palavra,
2019.
342 p.; 16 X 23 cm.

ISBN: 978-85-93892-13-4

1. Teoria da literatura. 2. Homoerótico. 3. Ensaios brasileiros.
1. Título

CDD: B869.4

CDU: 82.4

Pesquisa financiada por:



CONSELHO EDITORIAL

Alex Fabiano Jardim
Ana Maria Colling
André Luiz Mitidieri
Andrés Sirihal Werkema
Antonio Fernandes Jr.
Cíntia Camargo Vianna
Cláudia Maia
Cleudemar Fernandes
Davi Pinho
Djalma Thurler
Eliane Robert de Moraes
Eneida Maria de Souza
Flávia Teixeira
Flávio Pereira Camargo
Joana Muylaert
Karla Cipreste
Larissa Pelúcio

Leandro Colling
Leonardo Mendes
Luciana Borges
Maria Elisa Moreira
Nádia Batella Gotlib
Patrícia Goulart Tondinelli
Paulo César Garcia
Renata Pimentel
Ruth Silviano Brandão
Telma Borges
Vinícius Lopes Passos

CURADORIA

Fábio Figueiredo Camargo
Leonardo Francisco Soares
Ivan Marcos Ribeiro

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 1º de janeiro de 2009.

Este livro é dedicado a cinco pessoas muito especiais:

Veronika D.E.B. Been-Ibler, antes de todo mundo, professora de Estética da Recepção, depois amiga e, mais recentemente, colega de visitas para o MEC. Ela foi um exemplo e um estímulo, colocando a pedra fundamental da Escola de Constança em meu modo de pensar (e re-pensar) a Teoria da Literatura. Hoje não mais acredito que possa estudar literatura da mesma forma! A ela, a minha especial admiração;

Gerson Luiz Roani, ex-aluno, amigo e, agora, colega, a quem sou grato pelo convite para compor a banca de arguição de sua tese de doutoramento, com quem pude contar nos primeiros passos do DLV, em Santa Maria, quando foi meu monitor, com quem troco infundáveis telefonemas em que falamos de tudo. Seu brilhantismo e preparo intelectual me causam inveja! A ele, o meu respeito;

Eni de Paiva Celidonio, também ex-aluna e, agora, amiga, a quem devo a satisfação de ter sido orientador, mesmo com uma pose snob e com as intermináveis observações à margem das páginas de seu trabalho, com quem também troco intermináveis e divertidos telefonemas e a quem aprendi a respeitar e gostar. Hoje, autora de um trabalho brilhante que redescobre os prazeres da "leitura"! A ela, o meu carinho;

Elaine dos Santos, ex-aluna que quase desistiu dos Estudos Literários, por conta de minhas aulas de Teoria da Literatura; a quem incentivei e acompanhei nos primeiros passos de uma "pesquisa", que mais parecia uma colheita de pepitas de ouro em terreno árido, mesmo com a alergia e o "calor", a quem devo a alegria de fazer alguma coisa de "útil". A ela, o meu orgulho; José Carlos Barcellos, amigo bissexto, colega de carreira e, acima de tudo, um interlocutor impossível de qualificar em palavras, a quem devo o prosseguimento deste trabalho, num momento particularmente difícil de minha vida, demonstrando altruísmo e amizade sincera, quando aceitou ser o orientador do "plano B". Exemplo de um outro modo de "ser" leitor, com brilhantismo! A ele, a minha gratidão.

Cinco pessoas, precariamente apresentadas em cinco linhas, a quem sou cinco vezes agradecido: vocês me fazem acreditar na validade do que eu faço.

Consolai, consolai o meu povo, diz o vosso Deus, falai ao coração de Jerusalém e dizei-lhe em alta voz que a sua servidão está cumprida, que a sua iniqüidade está expiada, que ela recebeu da mão de Iahweh paga dobrada por todos os seus pecados.

Uma voz clama: “No deserto, abri um caminho para Iahweh; na estepe aplainai uma vereda para o nosso Deus.

Seja entulhado todo vale, todo monte e toda colina sejam nivelados; transformem-se os lugares escarpados em planícies, e as elevações, em largos vales.

Então a glória de Iahweh há de revelar-se e a terra inteira, de uma só vez, o verá, pois a boca de Iahweh o afirmou.”

Livro da consolação de Israel, Isaías

Je n'ai pas la prétention d'avoir inventé ce "problème": il existait avant mon livre.

André Gide

{SUMÁRIO}

INTRODUÇÃO	{11}
Os demônios de Foureaux	
TEORIA DA LITERATURA	{21}
Alguns pressupostos	
DIZER(MAIS UMA VEZ) O QUE JÁ FOI DITO	{89}
LITERATURA E HOMOEROTISMO	{125}
Entre os Estudos Literários e os Estudos Culturais (?)	
REVENDO OS MANUAIS	{156}
Fechamentos e aberturas	
REESCREVENDO OS MANUAIS	{251}
O partido do homoerotismo	
BIBLIOGRAFIA	{321}
ÍNDICE REMISSIVO	{332}
AGRADECIMENTOS	{337}

Pode ser que ainda existam pessoas que acreditem que a literatura é uma prática que encoraja uma leitura que leva a reflexões solitárias, como “modo de se ocupar no mundo”, contrapondo-se àquelas que os marxistas tanto teimam em decantar como a solução para uma série de males dos Estudos Literários. Pelo contrário, a literatura é a possibilidade de exceder ficcionalmente o que foi pensado e escrito antes. Aquilo que sempre pareceu e foi tido como tendo sentido, a literatura faz sem sentido: isso faz pensar numa personalidade *queer*, para a literatura, que supera, em muito, os problemas ligados a uma natureza ou essência de sua linguagem particular.
[JOSÉ LUIS FOUREAUX. *Herdeiros de Sísifo*, p. 173.]

É já bem conhecido o título da obra de Antoine Compagnon, na qual o ensaísta francês discorre sobre os caminhos por onde a literatura e a teoria literária caminharam nas últimas décadas do século XX. Chama-se *O demônio da teoria: literatura e senso comum* (1999), texto, aliás, lido e muito bem apropriado ao longo da presente publicação da editora “O Sexo da Palavra”. Claro que não vou repetir as linhas já detalhadas pelo seu autor, mas não me furto, aqui, a retomar o mote lançado por ele, ao apontar os vieses contraditórios, ambíguos, metacríticos e, muitas vezes, irônicos dos gestos postuladores daqueles que se debruçam sobre o ofício da reflexão teórico-crítica. Todo este conjunto de exercícios enigmáticos não deixa de contribuir para a tese de que não só o demônio parece habitar

este ambiente fluido e movente, como é o caso da teoria – e, sobretudo, a literária –, mas também a de que a teoria, enquanto instância indagadora de realidades criadas, suscita, seduz e projeta os seus demônios.

Vale frisar que a minha ideia de apresentar esta obra de José Luiz Foureaux de Souza Júnior, sob o audacioso título de “Os demônios de Foureaux”, nada tem a ver com a dimensão místico-religiosa que a expressão adquiriu no cenário ocidental e judaico-cristão. Penso, acima de tudo, naquela ocorrência obsediante de uma voz onipresente, que inquieta e dinamiza o pensamento do seu ouvinte. Originária do grego *daimon* e do latim *daemon*, a expressão tenta explicar a presença do gênio, daquele espírito intermediário entre os deuses e os homens, cujas funções incluíam o inspirar, o aconselhar e o interrogar a sensibilidade dos que o percebiam (JUPIASSU; MARCONDES, 2008). No meu entender, pode-se perceber, aqui, na verdade – e Sócrates já bem o sabia –, de uma inquietação e de um profundo desassossego diante das afirmações fáceis e pré-concebidas. Afinal, certezas, quem as tem?

Dono de uma robusta trajetória como pesquisador e como professor, Foureaux já formou dezenas de outros educadores, todos, de certo modo, munidos deste espírito inquieto e inquietante, característico dos verdadeiros mestres. Para além desta preocupação magisterial, é preciso destacar a sua presença no cenário da crítica literária e das reflexões analíticas em torno de dois campos importantes das Humanidades: de um lado, a sua verve teorizante, presente, por exemplo, em obras como *Literatura e homoerotismo*, de 2002, por ele organizada e com um denso estudo seu sobre o tema (“Leitura de leituras: propostas de continuidade, acerca de Literatura e Homoerotismo”); de outro, a sua tensão analítica em pôr em prática a sua bagagem reflexiva, como ocorre em “*Pode um desejo imenso? Camões lido e relido*” (2011), alentado ensaio sobre a obra ficcional do escritor português Frederico Lourenço.

Nos dois casos citados, Foureaux já apresenta o que irá consolidar em *Herdeiros de Sísifo*: um posicionamento forte e assertivo de suas ideias, sem perder de vista o espírito questionador e argumentativo, e, ao mesmo tempo, uma capacidade de análise literária de textos consagrados pelo cânone, agora, com uma visão outra, nada ortodoxa, capaz de abrir novos horizontes de leitura e de compreensão dos mundos envolvidos.

Ou seja, Foureaux tem os seus demônios/*daemon*. E, aqui, faz questão de compartilhar com os seus leitores. Um deles será a preocupação de voltar a temas, tantas vezes discutidos, mas ainda sem respostas definitivas. E, como bem pontua, ainda bem que estas parecem habitar o terreno do impossível, porque mais vale uma leitura sempre interrogativa e em demanda de outras perguntas. Não à toa, a presente obra de ensaios chama-se *Herdeiros de Sísifo*, numa referência direta à figura mitológica que, por castigo dos deuses, teve de manter em constante movimento uma grande pedra redonda repetidas vezes.

Mas, para além desse episódio, gosto de pensar que a alusão a Sísifo também pode ser entendida como um salutar gesto de irreverência de Foureaux (mais um dos seus demônios?), na medida em que aquele foi considerado um indivíduo que pouco respeitava a autoridade dos deuses, sendo apontado, de acordo com Pierre Grimal (1992), como o mais astuto e o mais impiedoso dos homens, chegando mesmo a enganar os deuses com as suas argumentações.

Tais percepções bem podem ser comprovadas com as expressões utilizadas ao longo do seu primeiro ensaio, “Teoria da Literatura: alguns pressupostos”, onde, ao apontar a relevância da leitura e do papel do leitor, Foureaux vale-se de títulos muito sugestivos deste ato de reflexão contínua, constante e obsediante, como, por exemplo, “Sobre a vida privada: um **atalho**”, “**Voltando ao caminho principal**” e “**Retorno** necessário” (grifos meus), e, ao mesmo tempo, presta um tributo (irreverente?) aos

principais teóricos desta linha de reflexão, na medida em que argumenta e levanta questões em seções com títulos pouco convencionais (“O pulo do gato” e “No olho do furacão”, por exemplo).

Estará o ensaísta, aqui, se auto incluindo como um dos herdeiros de Sísifo? Acredito que sim, porque, ao retomar questões tão importantes para o nosso cenário contemporâneo, como as diferentes ramificações críticas e os distintos papéis sociais desempenhados pelos consumidores, Foureaux não cai em meros ecos ou em lugares-comuns, mas coloca o dedo na ferida, não foge do debate sobre as mais prementes inquietações da atualidade:

O que acontece é que se aprende a desprezar a vida e a liberdade de muitos em nome da cupidez de poucos. Interesses privados são colocados acima dos interesses comuns. O resultado é conhecido: a vida e a liberdade dos opulentos passaram a valer tanto quanto a dos miseráveis, quer dizer, *nada*. Opulentos e miseráveis aqui não são apenas aqueles beneficiados ou não pelo capital, se bem que esta pode ser uma perspectiva interessante e plausível. Refiro-me, especificamente, à pseudodivisão estratégica entre leitor ingênuo e leitor preparado. Esta divisão, a meu ver, delimita muito a abordagem do literário, enquanto prática cultural construída socialmente, dado que pressupõe uma ‘iniciação’ praticamente impossível de se efetivar (p. 49).

Ainda que não se possa concordar com as suas orientações teóricas (o que é absolutamente compreensível, vale lembrar que a discordância é, sim, saudável), não se poderá negar a defesa e a convicção do seu viés escolhido (a Estética da Recepção) e da defesa assertiva feita sobre este:

Tudo parece indicar que, num momento de descrenças, tão caótico e fragmentado quanto o texto e a própria sociedade contemporânea, somente através de um apelo a diversas teorias seria possível proceder a uma análise textual, sendo a teoria de Iser mais permeável e capaz de uma sensibilização do crítico/leitor para com a literatura em especial, e a ‘cultura’ em geral. De mais a mais, quando acusada de ‘generalizações ultrapassadas’, a Estética responde

competentemente com a ‘interdisciplinaridade’, para além de sua camada apenas conceitual, mas pragmática mesmo. Na verdade, é com as idéias de Jauss e Iser (qualquer que seja a crítica que se possa opor a elas) que essa intertextualidade encontra espaço franqueado para a sua própria prática e ela o faz, competentemente. Negar isso é negar a vitalidade dos estudos teóricos acerca da Literatura (p. 88).

Se no primeiro ensaio, o seu autor aponta os caminhos teóricos das discussões, no segundo (“Dizer (mais uma vez) o que já foi dito”), ele revela, finalmente, ao leitor a ideia lançada com o título:

De maneira semelhante a Prometeu, Sísifo encarna, no contexto da mitologia grega, a astúcia e a rebeldia do homem frente aos desígnios divinos. Sua audácia, no entanto, motivou Zeus a castigá-lo de maneira exemplar. O pai dos deuses condenou Sísifo a empurrar eternamente, ladeira acima, uma pedra que rolava de novo ao atingir o topo desta mesma ladeira, conforme se narra na *Odisseia* (p. 89).

Já aqui o leitor percebe que tudo neste livro é intencional e bem arquitetado. Tanto que, conforme o título do ensaio sugere, mais uma vez, Foureaux volta à questão da instrumentalização do homoerotismo como um mecanismo crítico eficaz e produtivo dentro do campo da Teoria da Literatura. E, ao questionar o porquê da inexistência de uma abertura maior e mais ampla no diálogo entre os Estudos Literários e os Estudos Culturais, não deixa o autor de propor um caminho possível entre as duas áreas, sem impor limites ou hierarquizações:

O olhar homoerótico pode ser encarado, nessa perspectiva, como um outro efeito, uma outra provocação; muito mais que uma entidade e/ou categoria autônoma que pudesse corrigir erros/equivocos e propor renovações e/ou remodelações da teoria. É, na verdade, um operador de leitura, na amplitude dos Estudos Literários e Culturais, que faz com que a demanda interdisciplinar não perca sua relevância, uma vez

que é através dela que os operadores de leitura se renovam, sempre por meio de pactos que se vão firmando ao longo do tempo. Assim também pode se dar, acredito, a interlocução entre Literatura e Homoerotismo (p. 110).

Não será este, portanto, o “pulo do gato” do autor ou, ainda, o confronto direto e explícito com os seus demônios, que bem podem ser os de muito leitores (eu incluído)? Não serão esses dois primeiros textos uma espécie de ensaio em conjunto e de preparação para a discussão alentada e demorada, realizada no terceiro capítulo (com mais de 30 páginas de questionamentos), intitulado “Literatura e Homoerotismo: entre os Estudos Literários e os Estudos Culturais”?

Se, realmente, as duas áreas têm as suas especificidades teórico-críticas, a leitura operada por Foureaux parece já apontar uma possibilidade de convívio entre as duas, a partir de uma concepção interlocutória:

A interlocução entre Literatura e Homoerotismo é, no fundo, um lugar de reflexão que, na sua materialidade discursiva, acaba por privilegiar olhares diferenciados e diferenciadores como é o caso do olhar homoerótico. Sendo assim, não cabe estabelecer campos estanques de abrangência deste mesmo discurso. Em outras palavras, Estudos Literários e Estudos Culturais acabam por dimensionar campos de abrangência possíveis para a dinamização de um mesmo operador: o olhar homoerótico (p. 146).

No meu entender, *Herdeiros de Sísifo* propõe, exatamente, este “lugar de reflexão”, que procura linhas de convergência entre as duas áreas sem deixar de perceber os elos distintivos de cada uma delas. Ora, se a interlocução entre homoerotismo e literatura possibilita um espaço de convivência dialogante entre “olhares diferenciados e diferenciadores”, basta, então, observar que, ao lado de nomes tão reconhecidos da teoria e da crítica literárias, como Antoine Compagnon, Roland Barthes, Wayne

Booth, Wolfgang Iser, Hans Robert Jauss, Ian Watt, Ítalo Calvino, Antonio Cândido, Luiz Costa Lima e Carlos Reis, alguns advindos dos estudos culturais também surgem lado a lado, sem qualquer tipo de distinção hierarquizadora, para enriquecer as elucubrações do autor de *Herdeiros de Sísifo*, tais como Michel Foucault, Nicolas Casullo, Simon Durigan, Frédéric Martel, Alberto Mira, Alberto Moreiras e Eve K. Sedgwick, dentre outros.

Por isso, outro não poderia ser o seu caminho se não o de continuar “Revendo os manuais: fechamentos e aberturas” e “Reescrevendo os manuais: o partido do homoerotismo”. Aqui, com uma densa e demorada linha de reflexão (esses dois últimos capítulos ocupam praticamente a metade da obra), Foureaux atinge o ápice na exposição dos seus demônios e das suas inquietações, para o deleite do leitor. Recuperando vozes primordiais das duas linhas de estudo contempladas ao longo do ensaio e partindo do pensamento foucaultiano, o autor expõe as suas indagações sobre a viabilidade e a efetividade do “impacto epistemológico do homoerotismo sobre a Teoria da Literatura” (p. 181).

Para tanto, o autor reconhece na Estética da Recepção uma ferramenta viável para tentar dar conta das suas propostas de teorização crítica e de análise literária. Tanto que, nas duas últimas partes do livro, Foureaux aposta numa espécie de redimensionamento dos caminhos da Teoria da Literatura e numa aventura ousada e muito appropriada, conforme ele mesmo explicita:

Uma das possibilidades de se experimentar a pertinência e operacionalidade desses princípios crítico-teórico-discursivos é a releitura de obras canônicas, sob a perspectiva do olhar homoerótico, ainda que tais obras não explicitem nenhum conteúdo dessa ‘natureza’ (p. 257).

Relevar obras canônicas sob a ótica homoerótica pode ser uma práxis saudável de desafogar os caminhos de pesquisa de objetos literários, na medida em que oferece perspectivas outras num cenário onde os veios mais tradicionais e ortodoxos já não conseguem dar conta das necessidades e dos anseios investigativos. Não à toa, Foureaux parece confrontar-se com mais um dos seus demônios, e o faz de forma corajosa e coerente, sobretudo, quando elege José de Alencar, um dos autores brasileiros do cânone oitocentista, como ponto de partida para colocar em prática a sua proposta de abordagem crítica, chegando, por fim em autores do século XX e ainda em franca produção no XXI.

Não posso e não devo roubar o prazer da leitura ao leitor. Este é o responsável por fazer as suas conclusões, que, espero, sejam também subjetivas e sem qualquer pretensão de se chegar a um denominador fechado. Aliás, esta é, talvez, uma das lições mais salutares do texto de Foureaux: a de poder perceber que, como outros escritores, ele também é um dos muitos *Herdeiros de Sísifo*.

Neste sentido, a sua reflexão acaba por seduzir e convidar também os leitores, na medida em que nos possibilita o confronto com certos demônios, incluindo o da insatisfação, que o leva (e nos leva?), às vezes, a repetir o que já havia(mos) dito antes. Afinal de contas, não seremos nós também, com todas as nossas inquietações, interrogações, dúvidas, releituras e reivindicações, herdeiros de Sísifo? Que assim seja. Bem haja.

Referências

- COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.
- GRIMAL, Pierre. *Dicionário de Mitologia*. Tradução de Victor Jabouille. São Paulo: Bertrand Brasil, 1992.
- JUPIASSU, Hilton e MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. 5^a. edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- SOUZA JÚNIOR, José Luiz Foureaux (org.). *Literatura e homoerotismo*. Uma introdução. São Paulo: Scortecci, 2002.
- SOUZA JÚNIOR, José Luiz Foureaux. “*Pode um desejo imenso? Camões lido e relido*”. In: ROANI, Gerson Luiz (org.). *O romance português contemporâneo*. História, memória e identidade. Viçosa: Arka Editora: Universidade Federal de Viçosa: Programa de Pós-Graduação em Letras, 2011, p. 251-266.

Prof. Dr. Jorge Vicente Valentim

**Professor Associado do Departamento de Letras da UFSCar
Coordenador do GELPA (Grupo de Estudos Literários Portugueses e Africanos) / UFSCar
Vice-Presidente da ABRAPLIP (Associação Portuguesa de Professores de Literatura Portuguesa) / Gestão 2016-2017
Finalista do Prêmio Jabuti 2017 – Categoria “Teoria e Crítica Literárias”**

{ TEORIA DA LITERATURA: alguns pressupostos

Perspectivas devem ser consideradas em forma peculiar requerida que desloca e afasta o mundo, revelem o que ele é, com suas fendas e aberturas, tão indigente e distorcido quanto parecerá um dia na luz messiânica. Ganhar essas perspectivas sem veleidade ou violência, inteiramente a partir do contato sentido com seus objetos – só isso é tarefa do pensamento. É a mais simples de todas as coisas, porque a situação exige imperativamente tal conhecimento, mesmo porque a negatividade consumada, outrora encarada de frente, delinea a imagem especular de seu oposto. Mas é também a coisa absolutamente impossível, porque pressupõe um ponto de vista removido, embora por um fio de cabelo, do âmbito da existência, ao passo que sabemos bem que qualquer conhecimento possível não deve ser apenas primeiro arrancado do que é, se for bom, mas também é marcado, por isso mesmo, pela mesma distorção e indigência de que procura escapar. O pensamento mais apaixonado nega sua condicionalidade pelo bem do incondicional, o mais inconscientemente, e tão calamitosamente, é entregue ao mundo. Mesmo sua própria impossibilidade deve finalmente compreender em prol do possível. Mas além da demanda assim colocada no pensamento, a questão da realidade ou da irrealidade da redenção em si dificilmente importa.

(Theodor Adorno)

Faz tempo, muito tempo, que os Estudos Literários procuram respostas para as mesmas perguntas. Sempre repeti para meus alunos que,